

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS PERCURSOS DE NAVEGAÇÃO NO WEBSITE JORNALÍSTICO MULTIMÍDIA TRANSVERSUS

Virgginia Maria Fachini LABORÃO
Orientadora: Profa. Dra. Inês Signorini

Resumo Este artigo aborda parte da monografia intitulada “Descrição e análise dos percursos de navegação no website jornalístico multimídia *Transversus*”, que teve como objetivo descrever os percursos de navegação feitos por 20 participantes, graduandos de Letras e Jornalismo, no website que reúne conteúdo jornalístico sobre a transgeneridade. A coleta dos dados foi realizada em caráter experimental, sendo composta pelo registro da tela do computador e por entrevista semiestruturada com os participantes. Neste artigo, será analisada a seleção de hiperlinks feita pelos participantes, através da análise do estágio de “diferenciação”, proposto no modelo de análise desenvolvido por Ellis (1989) e revisto por Shankar et al (2005). Os resultados mostraram que cada grupo utilizou diferentes competências para selecionarem os hiperlinks.

Palavras-chave: Linguística Aplicada; letramento informacional digital; jornalismo multimídia

1. INTRODUÇÃO

O desafio da pesquisa em novas mídias não reside apenas na descrição das estruturas que compõem os objetos digitais, mas sobretudo em teorizar as experiências dos usuários com tais estruturas (MANOVICH, 2001, p.71). Essa proposição é do pesquisador russo Lev Manovich (2001) e nos coloca a importância de investigarmos na contemporaneidade como as pessoas se relacionam com as novas mídias que passaram a mediar nosso contato com o mundo. É certo que a expansão do acesso à Internet e às novas mídias transformou diversas áreas do conhecimento humano. Com a área específica do jornalismo, focalizada neste trabalho, não seria diferente.

A entrada do jornalismo na Internet nos anos 2000 revelou-se um “afã publicador” (MARTINEZ, 2012), uma ânsia de publicar as informações o mais rápido possível. Com o passar de mais de uma década, as práticas do jornalismo na web ainda detêm resquícios do caráter de difusão e imediatismo da informação. Ferrari (2012) pontua que as potencialidades da Internet continuam em desenvolvimento no jornalismo e que seria necessário o entendimento de que a mídia digital não tem como utilidade unicamente viabilizar a convivência e possível, mas rara, convergência de rádio, jornal impresso e televisão. Além disso, muitos portais ainda transpõem o design tradicional do jornal impresso para a tela (MOHERDAUI, 2008).

Como meio para tentar explorar as potencialidades das novas mídias, os grandes portais de notícias começaram a produzir “reportagens multimídia”, produções jornalísticas majoritariamente publicadas em formato de “edições especiais” e produzidas por equipes que envolvem jornalistas, fotógrafos, designers e programadores. Contudo, até mesmo essas produções reproduzem traços do jornal impresso, como colunas e a hierarquização vertical da informação. Em contrapartida, surgem gêneros que buscam romper com essa linearidade e criar uma nova maneira de se fazer jornalismo na Internet, como o webdocumentário e a reportagem 360°, esta última focalizada neste artigo. A questão que nos surge, então, é como os usuários interagem com os trabalhos jornalísticos nesses novos moldes contemporâneos.

Este artigo faz parte de uma pesquisa mais ampla, intitulada “Descrição e análise dos percursos de navegação no website jornalístico multimídia *Transversus*”. Esse website foi um projeto experimental de reportagem 360° que reúne conteúdo jornalístico sobre a transgeneridade, sendo produzido por mim e outros quatro amigos para a conclusão do curso de Jornalismo. Na pesquisa mais abrangente, pude descrever e analisar os percursos de navegação no website feitos por 20 voluntários, graduandos 2° e 4° anos dos cursos de Letras e Jornalismo, além de examinar como os participantes da pesquisa utilizaram a rede de hiperlinks e realizaram a seleção dos hiperlinks no website. Neste artigo, será focalizada apenas a questão da seleção dos hiperlinks na interface do website *Transversus* pelos 20 participantes da pesquisa.

1.1. O website *Transversus*¹

Para mostrar como os participantes da pesquisa selecionaram os hiperlinks no website, é necessário que apresentemos sua estrutura, tanto da perspectiva do conteúdo multimídia, quanto da rede de hiperlinks, além do gênero ao qual o website está associado. O processo de produção desse website começou com a pesquisa sobre o novo gênero jornalístico na Internet, intitulado reportagem 360°. Como mostra Ormanze (2012), tal conceito foi cunhado pelo jornal colombiano *El País* como uma maneira de se criar na Internet material jornalístico diferenciado do produzido diariamente para o portal online. Em entrevista a Thiago Domenici, do *Observatório da Imprensa*, o diretor de Novos Meios do jornal, Felipe Lloreda, explica que o jornalismo 360°

é uma nova forma de informar, a partir de todos os ângulos. Surge da necessidade de provocar impacto e de nos ajustar aos usuários de hoje, àqueles que estão navegando em sites onde se obtém uma experiência virtual. É jornalismo interativo. É multimídia. É um pouco de tudo. É também uma aposta para conseguir mais visitas ao jornal diário tradicional online. A categoria: inovação jornalística, aproveitando todas as ferramentas que existem na web, por isso chama-se 360°. Porque graficamente podem-se visualizar as diferentes caras de um assunto. (apud DOMENICI, 2010)².

¹ O website permanece disponível para acesso no endereço www.transversus.com.br

² Disponível em <<http://www.observatoriodaimpresa.com.br/news/view/as-diferentes-caras-de-um-assunto>>
Acessado em 02 de janeiro de 2015.

A denominação “reportagem 360°” foi selecionada para definir o gênero do trabalho, tendo em vista que o modelo de estrutura escolhido filia-se ao utilizado pelo site *El País* a partir da noção de “informar a partir de todos os ângulos”. Na reportagem 360°, o leitor tem a possibilidade de, a partir de uma tela introdutória sobre um determinado assunto, atualizar os percursos de navegação disponíveis a partir do subtema que deseja obter informações, como aponta Ormaneze (2012).

Com essa definição simples [de jornalismo 360], no entanto, o jornal [El País] conseguiu criar uma reportagem que utiliza os hiperlinks de forma que não distancia o leitor do assunto principal e mostra que o webjornalismo não precisa se prender apenas ao imediatismo e à competição para saber quem traz a informação mais rápida, elementos importantes, mas não únicos no ciberespaço (ORMANEZE, 2012, p.4)

Após a pesquisa sobre o conceito de reportagem 360°, o site começou a ser pensado em sua perspectiva temática. Depois de estudo sobre questões ligadas à identidade de gênero, a transgeneridade foi escolhida como tema central do website *Transversus*. Antes de escrever o percurso de navegação executado pelos graduandos voluntários participantes da pesquisa, é necessária a apresentação da estrutura do *Transversus*.



A produção do website compreendeu entrevistas com sete pessoas transgêneras e nove especialistas sobre a transgeneridade de diversas áreas (sociologia, antropologia, psiquiatria, psicologia, direito). A partir disso, o conteúdo foi dividido em duas seções: perfis multimídia e reportagem multimídia. A seção de perfis mostra as histórias de vida das sete pessoas transgêneras por meio de produções audiovisual, escrita e fotográfica. Já as reportagens articulam informações e opiniões de todos os entrevistados sobre seis subtemas relacionados à vivência da transgeneridade. As reportagens intituladas “CID 10 F64”, “Sob o Véu”, “XX XY”, “Corpus”, “No papel” e “Estigma” revelam, respectivamente, os conflitos em torno da patologização, a heteronormatividade na sociedade, o binarismo de gênero compreendido entre a separação homem/mulher, as intervenções corporais realizadas no processo transexualizador, os entraves jurídicos para mudança de nome em documentos oficiais e o preconceito social vivido pelas pessoas transgêneras. Tais reportagens também são formadas por textos escritos e produções audiovisuais.

Ao produzirmos o website, nos concentramos na edição de vídeos e fotografias, além da produção de textos. O objetivo era editar os conteúdos e distribuí-los entre os sete perfis e as seis reportagens de maneira que eles não se repetissem entre as diferentes mídias. As informações técnicas foram priorizadas nos textos escritos, enquanto os vídeos tinham como objetivo compilar as opiniões mais pessoais e emotivas. Tomemos a reportagem “No Papel”, que discute o processo jurídico para que pessoas transgêneras mudem de nome e sexo em documentos oficiais, para exemplificarmos essa questão. O texto dessa reportagem começa com uma frase do músico Erick Barbi sobre situações vexatórias anteriores à mudança de nome em documentos oficiais. Em seguida, são citados outros contextos em que a profissional do sexo Michele dos Santos passou por constrangimentos decorrentes da incompatibilidade entre o seu físico e seu nome no documento. Ambos os relatos atuam como fator de “humanização” e “exemplificação” no início do texto escrito e não estão no vídeo da reportagem “No Papel”. O texto traz também explicações feitas pelo advogado Eduardo Mazzilli sobre os processos jurídicos, bem como informa sobre artigos de leis, documentos necessários para pedir a mudança e portarias em âmbito federal que asseguram direitos aos transgêneros. Tais informações também não se repetem no vídeo.

Em contrapartida, a produção audiovisual apresenta as opiniões e relatos expressos com mais veemência como o do assessor jurídico Régis Vascon que demorou 40 minutos para começar o vestibular e relata uma discussão com o aplicador da prova, a opinião do juiz Luiz Torrano que disse “se ele é homem, é homem. Se é mulher é mulher. Constrangimento é ele ser homem e se vestir de mulher” e do antropólogo Jorge Leite Júnior que disse “teoricamente mulher não tem os mesmos direitos do que os homens? Então para que serve essa distinção em uma carteira de identidade?”. Os demais textos e vídeos de reportagem foram construídos segundo essa mesma lógica. Sob essa perspectiva, as peças nas diferentes mídias dialogam entre si e se complementam, não se sobrepondo ou sendo reduzidos à mera repetição.

A produção dos perfis das pessoas transgêneras também passou por uma lógica semelhante. Como exemplo, vejamos a construção do perfil da atriz Phédra de Córdoba. Enquanto o texto traz informações bibliográficas sobre ela, tais como as companhias teatrais pelas quais ela passou, a vinda tumultuada de Cuba para o Brasil e seu papel de destaque no mundo LGBT, o vídeo mostra os relatos expressivos de Phédra sobre a relação com os pais e a construção de sua própria identidade. A seção de perfis conta também com ensaios de fotografias que pretendem ir além de um registro, possibilitando que o internauta “mergulhe” no mundo particular da pessoa transgênera. No caso de Phédra, o ensaio mostra o processo de maquiagem antes da peça e ela mesma em cena.

Tendo em vista que apresentaremos os resultados relacionados à seleção dos hiperlinks do website feita pelos participantes da pesquisa, é preciso apresentar como essa estrutura foi concebida. O objetivo dessa rede era permitir que o internauta tivesse diversos caminhos para o conteúdo, possibilitando que ele realizasse suas escolhas de navegação e que a leitura se desse de forma não-linear. Ao acessar o site, o internauta tem a possibilidade de assistir uma produção audiovisual introdutória, que resume a proposta do site. Logo na página principal, ele tem 13 possibilidades de início de conteúdo, seja pelas seis reportagens cuja porta de entrada são os links nas laterais do scroll fotográfico, conforme pode ser visto na Figura 2, seja pelos sete perfis que podem ser acessados por meio das fotografias do *scroll* horizontal, como é mostrado na Figura 3.



Figura 1: Na home, o internauta pode posicionar o mouse sobre os links para ler sobre cada reportagem



Figura 2: Ao posicionar o mouse sobre as fotografias, o internauta pode ver informações sobre as pessoas transgêneras entrevistadas

A descrição dos hiperlinks na página principal são importantes na medida em que é por meio deles que os internautas selecionam a partir de onde devem construir seus percursos de navegação. Ao abrir alguma das páginas por meio desses hiperlinks, uma das opções do internauta para continuar a navegação é clicar em algum dos hiperlinks no menu superior que levam para as reportagens. Outra opção para dar seguimento é clicar no link “Versos” para acessar os textos e clicar nos hiperlinks dispostos ao longo do texto, podendo ser levado para outras reportagens e para os perfis. Uma terceira opção seria o internauta retornar para a página principal.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: O CONCEITO DE NOVA MÍDIA

Para justificar a escolha do website *Transversus* como um objeto de nova mídia, é preciso refletir sobre os princípios-chave que descrevem objetos de nova mídia, nos

termos de Manovich (2001). O primeiro critério mobilizado pelo autor é a representação numérica (2001, p.49), isto é, objetos de novas mídias são descritos por funções matemáticas, podendo ser manipulados por meio da operação de algoritmos. Como aponta Manovich, a digitalização é o processo que transforma dados em linguagem numérica. Um exemplo corriqueiro são os pixels – uma unidade digital e, portanto, numérica – que representam uma imagem digital. A partir disso, tal objeto passa a ser composto por unidades discretas que podem ser manipuladas, tal como se faz cotidianamente com softwares de edição de imagem. Indubitavelmente, o *Transversus* possui essa característica, tendo em vista que todo o website pode ser descrito matematicamente, seja por meio de pixels ou scripts de HTML.

O segundo princípio descrito por Manovich é o da modulação, derivado justamente da noção de que as novas mídias são compostas por unidades discretas. O autor remete à imagem do fractal, figura formada por meio da repetição da mesma estrutura, mas em diferentes escalas, para evidenciar tal noção. Cada estrutura pode ser recombinada de maneira a compor objetos maiores, contudo sem perder sua independência como estrutura. O princípio da modulação também se faz presente no projeto em questão, materializando-se na estrutura HTML do website que congrega objetos em JPEG (fotografias), caracteres (textos), MP4 (vídeos) e objetos programados em Flash (*scroll da home*).

O terceiro princípio descrito por Manovich, chamado de automatização (2001, p.53), só é possível em decorrência dos dois anteriores. Segundo o autor, por meio da representação matemática e da estrutura modular do objeto de nova mídia, é possível automatizar inúmeras operações de criação, manipulação e acesso de dados. O autor detalha a automatização em dois níveis: o de baixo e o de alto nível. Este último relaciona-se com as iniciativas de pesquisa em inteligência artificial (AI), não dizendo respeito à discussão desta monografia. Já a automatização de baixo nível está relacionada intrinsecamente com a produção do website *Transversus*, tendo em vista que tal princípio refere-se justamente à possibilidade de manipulação de dados por meio de algoritmos simples. Podemos relacionar esse critério com a edição dos vídeos do website que une a imagem capturada pela câmera, a música de trilha sonora e os logos do projeto, além da manipulação das fotografias em softwares de edição de imagens para a retirada de ruídos imagéticos.

Um princípio-chave importante para esta pesquisa é o da variabilidade (2001, p.56). De acordo com Manovich, ele denota que um objeto de novas mídias não é algo fixado definitivamente, mas sim que detém a possibilidade de existir em outras versões. Ele afirma que, além de “variável”, tais objetos podem ser entendidos como “mutáveis”

ou “líquidos”. Manovich elenca alguns casos específicos que decorrem do princípio da variabilidade, sendo um deles o conceito de hipermídia, que é particularmente importante para esta monografia.

Como caso específico desse princípio, o autor cita a hipermídia. De acordo com a definição de Manovich, na hipermídia, os elementos multimídia são conectados pelos hiperlinks. Com isso, os elementos e a estrutura são independentes entre eles (2001, p. 57). Santaella (2003) afirma que o conceito de hipermídia, ampliada a partir da noção de hipertexto cunhado por Theodor Nelson na década de 70, surge como uma nova forma de mídia que se utiliza do computador e da web para arquivar e distribuir informação multimídia, criando uma nova maneira de o leitor correlacionar histórias e informações em uma mesma tela.

O quinto e último princípio para os objetos de nova mídia descrito por Manovich relaciona-se com o conceito de interface. Tal princípio refere-se à transcodificação que, grosso modo, significa traduzir algo para outro formato. Na discussão empreendida pelo autor, o processo de transcodificação dá-se através da composição de uma camada cultural e outra do computador. Para Manovich, as duas camadas influenciam-se mutuamente no desenvolvimento das novas mídias, que são programáveis. Essa característica faz com que, segundo ele, não seja mais interessante a mera comparação com mídias antigas, como a fotografia, a pintura e a televisão, mas sim que se passe a discutir novos termos, categorias e operações que digam respeito a essas mídias programáveis, tal como a interface.

De acordo com Santaella, as interfaces consistem em fronteiras de negociação entre o humano e o maquínico.

Interfaces de boa qualidade permitem cruzamentos inconsúteis entre os dois mundos, facilitando assim o desaparecimento da diferença entre eles e, conseqüentemente, alterando o tipo de ligação entre os dois. (SANTAELLA, 2003, p. 92).

Manovich pontua que, em termos semióticos, a interface age como um código que carrega mensagens culturais em diferentes mídias (2001, p. 76). Nessa perspectiva, o código pode fornecer seu próprio modelo do mundo, seu próprio sistema lógico ou ideologia. Na perspectiva do autor, a interface das novas mídias desencadeia uma organização das informações em “multiníveis” concebendo modelos distintos do mundo.

Finalmente, através da organização de dados do computador de formas particulares, a interface fornece modelos distintos do mundo. Por exemplo, um sistema de arquivos hierárquico pressupõe que o mundo pode ser organizada em uma hierarquia multi-nível lógico (MANOVICH, 2001, P. 76)³.

No contexto das produções jornalísticas, a interface permite que o internauta se relacione com os conteúdos, sendo que a organização da maioria dos portais segue o esquema de colunas e hierarquia linear das informações por meio da barra de rolagem: o que está no topo é mais importante, o que está embaixo, menos. Com isso, a navegação também torna-se ideologicamente guiada de maneira linear e hierárquica, mascarando também o potencial não-linear inerente ao objeto da nova mídia. Como discutido por Moherdau (2008), os designers dos portais de notícias transportaram o conhecimento prático de diagramação dos jornais impressos para a Internet e o resultado foi a mera transposição do layout do papel para a tela.

Partindo do pressuposto de que o computador é uma nova mídia e que o usuário não o opera, mas interage com ele, a lógica do design gráfico digital é a de que o projeto tem que ser elaborado para ser experimentado e não simplesmente utilizado. Pois a condição da informação na rede é a ação (BOLTER e GROMALA, 2003c, p.24, MANOVICH, 2001a, p.227), que exige que a interface seja dinâmica e não uma série de telas estáticas. (MOHERDAUI, 2008, p. 7).

³ “Finally, by organizing computer data in particular ways, the interface provides distinct models of the world. For instance, a hierarchical file system assumes that the world can be organized in a logical multi-level hierarchy” (MANOVICH, 2001, P. 76).

Seguindo essa perspectiva, uma nova mídia é aquela que abre novos caminhos estéticos e permite criar estratégias de produção, circulação e recepção de sentido, mas que também pode dialogar com as que a precederam. (DALMONTE, 2008, p. 45).

Para fugir da mera transposição do design do jornal impresso para a tela, o Transversus teve abolida a barra de rolagem em suas páginas principais, sendo que ela apenas se faz presente nas páginas de mídia escrita, ou seja, em textos que tenham ficado mais longos. Dessa forma, amplia-se a possibilidade de não hierarquização dos conteúdos e da possibilidade de uma navegação mais livre do internauta. Além disso, invertemos a hierarquia comumente utilizada na grande mídia da Internet em que as produções audiovisuais funcionam como coadjuvantes do texto escrito, e não como protagonistas. Sendo assim, o vídeo aparece em primeiro plano no layout, enquanto o texto deve ser “procurado” pelo internauta.

Tendo em vista que o objetivo central da pesquisa foi analisar a experiência do usuário neste objeto de nova mídia específico que é o website Transversus, foi necessário coletar dados empíricos da navegação. Para isso, foi desenvolvida uma atividade experimental e selecionado um modelo de análise.

3. METODOLOGIA

Para realizar a atividade de caráter experimental que compõe a metodologia desta pesquisa, foram estabelecidos quatro perfis de estudantes para a análise, em um total de 20 voluntários. Desses 20, 10 eram graduandos de Jornalismo da PUC-Campinas e os outros 10 eram de Letras da Unicamp, sendo que cinco de cada grupo estavam cursando o 2º ano e outros cinco, o 4º ano. Cada um dos quatro grupos de cinco graduandos foi composto por três mulheres cisgêneras e dois homens cisgêneros. A pesquisa selecionou esses perfis, tendo em vista que essas graduações supostamente oferecem subsídios teóricos e práticos para o desenvolvimento de práticas de letramento multimodal. Ao que diz respeito especificamente aos estudantes do curso de Jornalismo, é interessante descrever como eles navegam no site, tendo em vista que o gênero é inovador na área e que eles mesmos poderão produzir algo semelhante no futuro. Já na perspectiva de Letras, é certo que deverão se confrontar com práticas multimodais na sala de aula quando professores de Língua Portuguesa.

A primeira parte da atividade experimental consiste na navegação dos internautas registrada com o software Camtasia Studio, que, além de registrar a tela do computador, grava também o áudio e a imagem do rosto do participante por meio de webcam. Cada voluntário foi orientado individualmente que teria 30 minutos para navegar no website e que, após o término do tempo, ele deveria relatar as estratégias de navegação/leitura que utilizou. Após a atividade, foi feita uma entrevista individual semiestruturada com as seguintes perguntas:

- O que você achou do site? Você acha que ele foi feito com qual objetivo? Para que tipo de público?
- O que lhe pareceu mais relevante em termos de informação? Por quê?
- Lembra-se de onde e como obteve essas informações?

- Quais foram suas estratégias de leitura e navegação pelo site?
- Você acredita que explorou os hiperlinks? Quais lhe pareceram mais interessantes e por quê?
- Do que você viu, você consegue estabelecer alguma relação entre os textos e vídeos? Quais?
- Quais foram suas dificuldades de leitura/navegação?
- Você já tinha visitado outro site desse tipo antes? Se sim, quais?

Tal método de questionamento dos participantes foi escolhido com o objetivo de ir além da extração primária de informações (Shankar, 2005), isto é, da mera cópia dos textos ou fotografias presentes no site e estimular a reformulação, através da fala, dos conteúdos assimilados durante a navegação.

Para que os dados fossem sistematizados e analisados, fez-se necessário mobilizar um modelo de análise para tal. Nesse contexto, o instrumento escolhido foi o desenvolvido por Ellis (1989) e revisto por Shankar et al (2005), modelo de análise baseado em estudos sobre a busca de informação. Tendo em vista que essa metodologia diz respeito a buscas mais amplas na Internet, foram necessárias diversas adaptações para o contexto de descrição e análise dos percursos de navegação no website específico. De acordo com o modelo, há seis estágios de operações realizadas com o objetivo de buscar informações na Internet. A pesquisa adaptou um sétimo estágio de operação, chamado de “dispersão”.

- Início (*starting*): estágio que diz respeito a identificar fontes de interesse que podem servir como começo para a busca. No caso específico desta pesquisa, o início está relacionado com a página inicial do website, tendo em vista que é a partir dela que ocorreu a navegação.
- Encadeamento (*chaining*): corresponde às ações que dão seguimento à busca de informações por meio de hiperlinks, sendo que o internauta pode empreender um encadeamento “para frente”, isto é, quando a clique ocorre em um hiperlink não acessado anteriormente, ou “para trás”, ou seja, quando o internauta retorna para algum ponto já visto.
- Navegação (*browsing*): relaciona-se com a visualização das páginas, dizendo respeito à procura semidirecionada em áreas com potencial de informações. Por conta das especificidades que a navegação em um único website multimídia possui, adaptamos subcategorias que pudessem auxiliar na sistematização e análise dos percursos de navegação nesta pesquisa. Sendo assim, foram adaptados os subestágios de “movimentos de navegação” que correspondem a comportamentos como posicionamento de mouse em cima de hiperlinks, movimento da barra de rolagem, visualização da página sem movimentação de mouse e o “mouse perdido”, no qual o internauta “varre” a interface sem direcionar-se para um hiperlink específico. Além disso, foram delimitados subcategorias para os acessos às mídias, tendo em vista a multimodalidade do website. A primeira subcategoria é a navegação audiovisual que ocorre quando o participante acessa um vídeo, isto é, aperta play em algum vídeo presente no website. A segunda é a navegação textual que diz respeito ao acesso do participante às páginas de texto escrito. Por fim, a subcategoria de navegação imagética relaciona-se com o acesso aos ensaios de fotografias presentes somente na seção de perfis. É importante pontuarmos que essas subcategorias dizem respeito apenas ao acesso a essas mídias.

- Diferenciação (*differentiating*): o internauta filtra e seleciona as informações por meio da avaliação da natureza e qualidade da informação que está sendo oferecida. Segundo o modelo de análise, essa categoria pode ser subdividida entre primária e secundária. A diferenciação primária refere-se à avaliação apenas do conteúdo, enquanto a secundária leva em consideração outras variáveis, como a relevância e a autoridade da fonte de informação. Em uma situação de pesquisa ampla na Internet através de ferramentas de busca, essa etapa diz respeito à seleção que o internauta faz dos resultados que lhe aparecem a partir de determinada palavra-chave. Como há apenas o próprio website como fonte, adaptamos essa etapa como a seleção feita através da escolha dos hiperlinks, ou seja, restrita às possibilidades dadas pelo website. Com isso, observamos apenas a diferenciação primária, aquela que diz respeito à avaliação da natureza da informação oferecida. Neste caso, o internauta seleciona em qual hiperlink clicar pela avaliação das temáticas das reportagens ou das características da pessoa que foi entrevistada para a seção de perfis.
- Monitoramento (*monitoring*): estágio em que o internauta segue regularmente uma fonte de informação específica por meio de *feeds*, e-mails ou RSS. No caso desta pesquisa em específico, essa etapa não pôde ser observada, tendo em vista que o *Transversus* não tem mecanismo de assinatura nem atualizações.
- Extração de informações (*extracting*): retirada de conteúdos dos objetos digitais, sendo multimídia ou não. Essa etapa também é subdividida entre primária e secundária, sendo que a elaboração secundária refere-se à retirada de informações de maneira elaborada, enquanto a primária diz respeito a esse processo realizado sem síntese ou elaboração.
- Dispersão: etapa adaptada pelo estudo graças à gravação da imagem do rosto do participante por meio da webcam. Assim, se o voluntário da pesquisa teve algum comportamento que o distraiu durante a navegação, como mexer no celular ou olhar para os lados, isso também foi computado na sistematização dos dados.

Esses estágios nos ajudam a analisar quais foram as práticas que os voluntários utilizaram para buscar informação no ambiente digital, aqui estabelecido como o website *Transversus*. Tais práticas e habilidades são compreendidas pelo conceito de letramento informacional digital que deriva da noção de letramento informacional. Este último refere-se à habilidade de acessar, avaliar e aplicar informações vindas de diferentes fontes em um determinado contexto para a construção de conhecimento. Com a expansão do acesso à Internet, essas habilidades complexificam-se e tornam-se multifacetadas através da mediação das novas mídias, surgindo, então, o conceito de letramento informacional digital. Segundo Shankar et al (2005)

Letramento informacional digital pode ser definido como a habilidade de compreender e utilizar informação em múltiplos formatos a partir de uma ampla variedade de fontes conectadas pela rede de computadores, envolvendo a competência de decifrar conteúdo multimídia. (GILSTER, 1997; LANHAM, 1995 apud SHANKAR, 2005, p.53).⁴

⁴ “Digital information literacy can be defined as the ability to understand and use information in multiple formats from a wide variety of networked computer sources and it involves the skill of deciphering multimedia images, sound and text” (GILSTER, 1997; LANHAM, 1995 apud SHANKAR, 2005, p.53).

Gilster (1997 apud SHANKAR 2005, p.58) elenca dez competências que são centrais na aquisição do letramento informacional digital. Tendo em vista que este artigo se restringe à seleção dos hiperlinks na interface do website Transversus, as competências que nos são importantes são as de compreensão de informações em um ambiente hipermídia dinâmico e não-sequencial e de criação de uma estratégia para a seleção de fontes e informações – aqui compreendidas como os hiperlinks.

4. RESULTADOS

Como vimos na metodologia, a etapa compreendida como a seleção dos hiperlinks é aqui intitulada de diferenciação. Essa fase precede o clique, justamente na qual o participante seleciona onde ocorrerão os encadeamentos, isto é, as clicagens que darão seguimento para o percurso de navegação no website. Nos dados recuperados dos percursos de navegação feitos pelos participantes da pesquisa, foram encontrados quatro tipos diferentes de diferenciação, sendo eles através de:

- a) Posicionamento de mouse em hiperlinks escritos
- b) Posicionamento de mouse em hiperlinks imagéticos
- c) Posicionamento de mouse durante navegação audiovisual
- d) Posicionamento de mouse e encadeamentos para frente

As figuras com representações de fluxogramas presentes nesta seção do artigo mostram exemplos das diferenciações utilizadas pelos participantes durante o percurso de navegação no website. Os fluxogramas foram construídos após a sistematização em tabelas dos dados coletados. O padrão utilizado para os fluxogramas está apresentado abaixo:

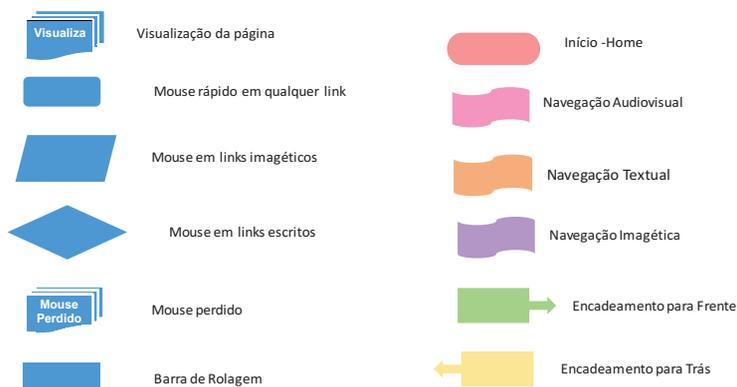


Figura 3: Padrão de cores e formas utilizado nos fluxogramas que representam os percursos de navegação

O tipo A de diferenciação diz respeito ao posicionamento de mouse em hiperlinks escritos que podem levar o internauta até as reportagens. Como já exposto na introdução, quando se coloca o mouse em cima desse link, um *box* é aberto com informações sobre a reportagem. Dessa forma, o internauta pode selecionar qual reportagem deseja ver tendo como critério os subtemas sobre a transgeneridade. Uma sequência desses posicionamentos pode ser visto no exemplo a seguir:

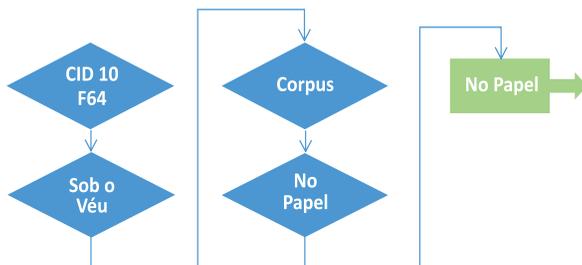


Figura 4: Exemplo de diferenciação de tipo A retirado do percurso de navegação do participante B-2L

Já a diferenciação de tipo B relaciona-se com a série de posicionamentos de mouse sobre as fotografias de pessoas transgêneras presentes no *scroll* da página inicial do website. Caso o internauta coloque o mouse em cima de alguma fotografia, o *scroll* para de girar, a fotografia fica colorida e surgem informações sobre o entrevistado, tais como nome, idade e profissão. É necessário pontuar que, como ao colocar o mouse na fotografia o *scroll* para, normalmente os posicionamentos são intercalados com visualizações da página ou com “mouse perdido”, momentos em que o internauta espera que o *scroll* rode para posicionar o mouse novamente em outra fotografia.

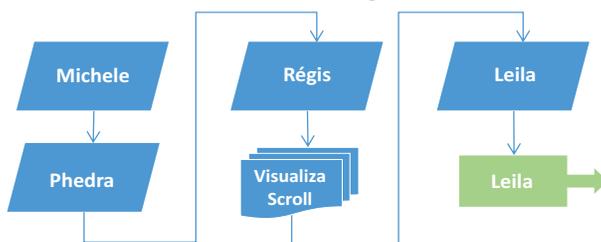


Figura 5: Exemplo de diferenciação de tipo B retirado do percurso de navegação do participante B-4J

Já a diferenciação de tipo C é aquela empreendida pelo internauta durante a navegação audiovisual, ou seja, enquanto assiste a algum vídeo. Tendo em vista que na página em que se vê o vídeo só há o menu superior com hiperlinks escritos, essa diferenciação permite que o internauta veja informações que se referem somente às reportagens.

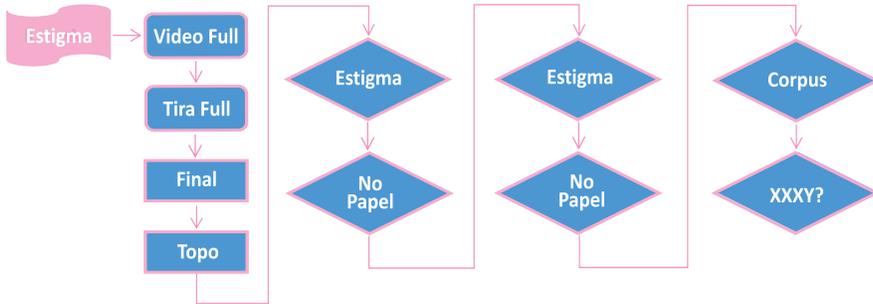


Figura 6: Exemplo de diferenciação de tipo C retirado do percurso de navegação do participante C-4L

A última diferenciação encontrada também relaciona-se com o menu superior presente nas páginas, sendo a que é realizada por meio de posicionamentos de mouse e encadeamentos para frente. Nessa diferenciação, intitulada de tipo D, o internauta realiza uma sequência de posicionamentos de mouse, seguidos de clique em nos hiperlinks.

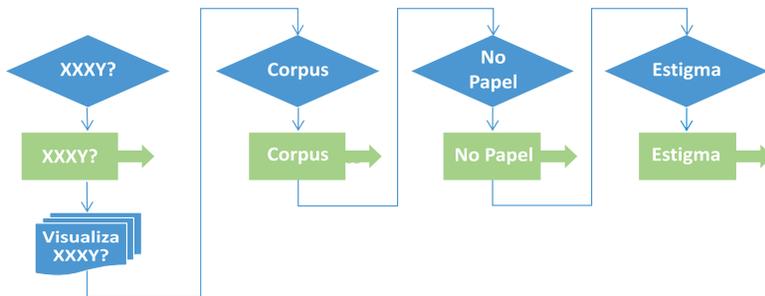


Figura 7: Exemplo de diferenciação de tipo D retirado do percurso de navegação do participante A-2J

São apresentados nas tabelas a seguir os dados referentes aos tipos de diferenciação verificados nos percursos dos quatro grupos estudados na pesquisa. A primeira tabela expõe os dados referentes ao grupo de 2º ano de Jornalismo. É possível perceber que a maioria das diferenciações feitas pelos participantes desse grupo ocorreu por meio de posicionamentos de mouse em hiperlinks fotográficos.

	2º JORNALISMO			
	Diferenciação A	Diferenciação B	Diferenciação C	Diferenciação D
A-2J	0	3	0	1
C-2J	1	2	0	0
D-2J	1	4	0	0
E-2J	0	0	1	2

Tabela 1: Diferenciações nos percursos de 2º ano de Jornalismo

Tal grupo foi o que mais empreendeu diferenciações durante o percurso, com o mínimo de quatro ocorrências no período do experimento. Tal comportamento surge como uma evidência para o que os participantes desse grupo afirmaram nas entrevistas. Quando questionados sobre quais hiperlinks mais lhes interessaram, os participantes A-2J, C-2J e D-2J afirmaram que foram as fotografias das pessoas transgêneras que encaminham para os perfis. Já o participante E-2J, que preferiu as reportagens, realizou mais diferenciação do tipo D, a qual é composta por posicionamentos de mouse e encadeamentos para frente.

Outro aspecto recorrente na diferenciação dos participantes desse grupo foi a ocorrência do “mouse perdido”, isto é, da movimentação do mouse sem direcionamento para nenhum hiperlink especificamente, em conjunção com a própria diferenciação, como é possível ver neste exemplo abaixo durante a navegação do participante C-2J, o que pode denotar a observação da interface.

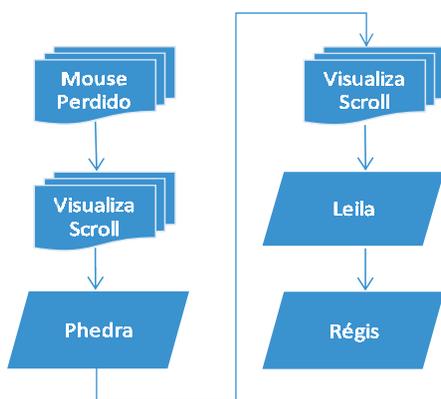


Figura 8: Exemplo de diferenciação com mouse perdido retirado do percurso de navegação do participante C-2J

Já no grupo de 2º ano de Letras, se pode verificar uma predominância por diferenciações em hiperlinks escritos, sendo esses os que encaminham para as reportagens, conforme aponta a Tabela 1, abaixo:

	2º LETRAS			
	Diferenciação A	Diferenciação B	Diferenciação C	Diferenciação D
A-2L	1	0	0	0
C-2L	1	0	0	0
D-2L	1	1	0	1
E-2L	1	0	0	0

Tabela 2: Diferenciações nos percursos de 2º ano de Letras

Um aspecto comum entre os graduandos deste grupo foi a realização da diferenciação apenas no início do tempo da atividade experimental. Esse aspecto confirma o relatado pelos participantes durante a entrevista de que a estratégia de navegação deles foi ver primeiro os subtemas do website para depois seguir por aqueles que mais lhes interessava. A ausência neste grupo de diferenciação do tipo B, que diz respeito ao posicionamento de mouse em cima das fotografias, evidencia que o caminho construído pelos participantes desse grupo para chegar até os perfis se deu por meio dos hiperlinks nos textos, e não através de diferenciação pela imagem. Até mesmo o participante C-2L, que realizou uma diferenciação desse tipo, acabou por realizar um encadeamento em seguida que o levou até uma reportagem sem que ele empreendesse sequer a navegação audiovisual na página de perfil, que está em primeiro plano.

Os participantes de 4º ano de Jornalismo apresentaram comportamentos heterogêneos em relação às diferenciações. Eles empreenderam diferenciações tanto por meio de posicionamentos em links escritos quanto em fotografias, conforme descrito na Tabela 3, abaixo, sendo que o participante B-4J fez mais uso da diferenciação através das fotografias no *scroll*.

4º JORNALISMO				
	Diferenciação A	Diferenciação B	Diferenciação C	Diferenciação D
A-4J	1	1	0	0
C-4J	1	2	0	0
D-4J	1	1	0	1
E-4J	1	0	1	0

Tabela 3: Diferenciações nos percursos de 4º ano de Jornalismo

Outra característica que diz respeito a este grupo é o fato dos participantes realizarem mais de uma diferenciação ao longo do percurso de navegação, não apenas no início da atividade experimental. Durante a entrevista, os participantes desse grupo relataram que clicaram primeiramente nos hiperlinks que mais chamaram atenção, sem ler as informações sobre a reportagem. Com isso, eles precisaram realizar outras diferenciações durante o percurso para saber por onde dar seguimento à navegação.

O grupo de 4º ano de Letras também apresentou comportamento diversificado ao que diz respeito à etapa de diferenciação, conforme descrito na Tabela 4, a seguir:

4º LETRAS				
	Diferenciação A	Diferenciação B	Diferenciação C	Diferenciação D
A-4L	2	0	0	0
C-4L	3	0	0	0
D-4L	0	1	1	0
E-4L	1	1	1	1

Tabela 4: Diferenciações nos percursos de 4º ano de Letras

Como é possível ver na tabela acima, os participantes C-4L e E-4L realizaram diferentes tipos de diferenciação ao longo do percurso de navegação, utilizando as diferenciações por posicionamento de mouse em hiperlinks escritos, em hiperlinks fotográficos, além da realização da diferenciação durante a visualização de vídeo e misturando encadeamentos e posicionamentos de mouse. Já os participantes A-4L e B-4L realizaram apenas a diferenciação do tipo A, composta por posicionamentos de mouse em hiperlinks escritos. Isso nos evidencia como se construiu os percursos de navegação, tendo em vista que estes dois últimos participantes acessaram apenas as reportagens. Já os participantes C-4L e E-4L acessaram, além das reportagens, também perfis.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da etapa de seleção dos hiperlinks mostrou-se importante para nos revelar de que modo os grupos de participantes da pesquisa construíram seus percursos de navegação, na medida em que este estágio precede o clique. Foi possível perceber que os participantes de 2º ano de Jornalismo basearam o estágio de diferenciação no apreço imagético, isto é, escolhendo onde clicar por meio das imagens dispostas na página inicial. Isso impactou nos próprios percursos de navegação, tendo em vista que os participantes construíram então seus caminhos a partir dos perfis de pessoas transgêneras, acessados por meio dos hiperlinks fotográficos.

Já os participantes de 2º ano de Letras realizaram mais diferenciação por meio dos hiperlinks escritos, que encaminham para as reportagens, no início da atividade experimental. Isso revela que eles buscaram estabelecer uma estratégia de navegação com base nas informações descritas sobre os subtemas em relação à transgeneridade. Esse comportamento nos mostra que esses participantes tiveram maior apreço pelo texto escrito. Durante as entrevistas, os participantes desse grupo revelam o incômodo de haver poucas informações escritas na página principal do website. Com isso, eles acabaram apoiando-se nos poucos textos escritos presentes nos hiperlinks.

O grupo de 4º ano de Jornalismo teve a ocorrência tanto de diferenciação por meio de hiperlinks escritos quanto fotográficos, o que revela uma habilidade de trânsito entre essas duas linguagens. Além disso, eles realizaram mais de uma diferenciação ao longo do percurso, na medida em que a primeira clicagem realizada por eles foi feita sem diferenciação, mas sim pelo critério do que chamava atenção na interface. Já os participantes de 4º ano de Letras tiveram comportamentos heterogêneos em relação à diferenciação. Dois participantes, A-4L e B-4L, realizaram apenas diferenciação por meio de hiperlinks escritos. Já os participantes C-4L e E-4L misturaram diferentes tipos de diferenciação ao longo do percurso de navegação.

Esses resultados nos mostram que os diferentes grupos mobilizam habilidades distintas ao que diz respeito às competências de compreensão de informações em um ambiente hipermídia dinâmico e não-sequencial e a criação de uma estratégia para a seleção de hiperlinks, práticas que compõem a aquisição do letramento informacional digital de acordo com Gilster (1997 apud SHANKAR 2005, p.58).

É possível apreendermos que os participantes que realizaram mais diferenciações em hiperlinks escritos tiveram certa dificuldade de compreender a forma com que os conteúdos estavam dispostos no ambiente hipermídia que é o website Transversus. Isso porque as fotografias ocupavam a maior parte da página principal, o que teoricamente deveria chamar mais atenção dos internautas. No entanto, esses participantes, majoritariamente os de 2º e 4º ano de Letras, preferiram seguir por um terreno mais seguro a eles: o texto escrito. Sendo assim, a criação de uma estratégia para a seleção de hiperlinks feita por esses participantes se baseou nas informações escritas e, não em algum outro fator próprio do objeto de nova mídia que é multimídia.

Já os de 2º ano de Jornalismo revelaram, por meio dos resultados, que criaram uma estratégia de seleção de hiperlinks por meio das fotografias, o que é interessante na perspectiva do letramento informacional digital na medida em que o scroll horizontal possui recursos próprios da nova mídia, como a programação em Flash que dá dinamismo para as informações. O ponto interessante na estratégia de seleção de hiperlinks feita pelos participantes de 4º ano de Jornalismo foi que eles uniram a capacidade de selecionar o percurso, tanto pelo texto escrito quanto pelas fotografias, o que é interessante na perspectiva de que o website é multimídia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DALMONTE, E.F. (2008). Efeito de real e jornalismo: imagem, técnica e processos de significação. PUC-Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- MANOVICH, L. (2001) *The Language of New Media*. Massachusetts: The MIT Press.
- MARTINEZ, A. G. (2012). A construção da notícia em tempo real. In: FERRARI, Pollyana (Org.). *Hipertexto hipermídia - as novas ferramentas da comunicação digital*. p. 13-27, Editora Contexto, São Paulo:
- FERRARI, P. (2004) *Jornalismo Digital*. Contexto, São Paulo.
- FERRARI, P. (2012) A hipermídia entrelaça a sociedade. In: FERRARI, Pollyana (Org.). *Hipertexto hipermídia - as novas ferramentas da comunicação digital*. p. 79-90, Editora Contexto, São Paulo.
- MOHERDAUI, L. (2008) *Em busca de um modelo de composição para os jornais digitais*. vol.6, Contemporânea, São Paulo
- ORMANEZE, F. (2012) *Jornalismo na internet: reflexões sobre transmídia e reportagem 360° como propostas de produção*. In: JUNQUER, Â. et al. *Novas competências na sociedade do conhecimento*. p. 73-80, *Leitura Crítica*, Campinas.
- SANTAELLA, L. (2003) *Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura*. Paulus, São Paulo.
- SHANKAR, S. et al. (2005) *A Profile of Digital Information Literacy Competencies of High School Students*. *Issues In Informing Science And Information Technology*, Nayang, v. 2, n. , p.355-368.